



A importância da valorização do território para a sustentabilidade - reconhecer, manter e divulgar o patrimônio imaterial das comunidades tradicionais da Lagoinha

The importance of valuing the territory for sustainability - recognizing, maintaining and disseminating the intangible heritage of the traditional communities of Lagoinha

Heloisa Helena Rosa Vitalino, Discente em Artes Visuais, Universidade do Estado de Minas Gerais

heloisavitalino@gmail.com

Rosângela Míriam Lemos de Oliveira Mendonça, PhD, Escola de Design da UEMG

rosangela.mendonca@uemg.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é elucidar questões importantes relativas à sustentabilidade, território, arte, a valorização do patrimônio material e imaterial e possíveis reverberações em instituições de ensino e sociedade em geral. A metodologia utilizada neste trabalho foram pesquisas bibliográficas, arquivísticas, e estudos de caso. Espera-se com este trabalho incitar o pensamento crítico, a mudança de paradigmas e melhor compreensão da cadeia produtiva e os diferentes estágios dos bens de consumo. O Design Sistêmico é uma proposta interessante para conectar os diversos elos de tal cadeia e auxiliar na promoção da sociedade mais digna, justa e igualitária, promovendo a valorização do coletivo e sua retroalimentação constante.

Palavras-chave: Patrimônio; Memória; Sustentabilidade.

Abstract

The objective of this work is to elucidate important issues related to sustainability, territory, art, the appreciation of tangible and intangible heritage and possible reverberations in educational institutions and society in general. The methodology used in this work was bibliographical and archival research and case studies. It is hoped that this work will encourage critical thinking, paradigm shifts and a better understanding of the production chain and the different stages of consumer goods. Systemic Design is an interesting proposal to connect the various links in such a chain and help promote a more dignified, fair and egalitarian society, promoting the appreciation of the collective and its constant feedback.

Keywords: Heritage; Memory; Sustainability.



1. Introdução

A valorização dos recursos locais com a prioridade às ações locais produz diversos tipos de impactos do ponto de vista da sustentabilidade integral, isto é, da capacidade de manter o bom uso dos recursos humanos e materiais para a longevidade das atividades e o equilíbrio da sociedade, considerando, de forma indissociável, os aspectos sociais, ambientais e econômicos relacionados. Ao se conhecer o território se identificam suas necessidades e potencialidades para criação e manutenção de sua infraestrutura, para produção e para o consumo. Conhecer o local onde vivemos é de fundamental importância para que possamos reconhecer seu patrimônio material e imaterial local que, por sua vez, auxilia e enaltece a sustentabilidade, insumo primordial para a vida contemporânea. O patrimônio material é relacionado a bens culturais arqueológicos, paisagísticos e etnográficos; históricos; das belas artes; e das artes aplicadas, podendo ser “imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.” (IPHAN, 2023a). Já os bens culturais de natureza imaterial “dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, políticas, musicais e lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)” (IPHAN, 2023b).

Assim, o primeiro passo necessário a qualquer intervenção é identificar os recursos e valores culturais locais, suas características geográficas, climáticas, históricas, políticas, sociais e econômicas. A prioridade deve ser que a produção seja feita pela comunidade local e para ela, uma vez que, de outra forma, produzindo em grandes volumes para atender outros territórios, serão gerados impactos indesejados como poluição com meios de transporte, emissões de efluentes e utilização desequilibrada de recursos. O conhecimento de questões não só explícitas quanto tácitas, que tangem aspectos culturais também é crucial para a eficiência e sucesso das iniciativas.

Neste trabalho trataremos, em particular, da região da Lagoinha em Belo Horizonte/ Minas Gerais, seus aspectos culturais imateriais e artísticos, exemplificando esta relação. A Lagoinha foi um dos primeiros bairros de origem operária, da época da construção da capital mineira. No entanto, chamamos hoje (e também aqui neste artigo) de Lagoinha uma região da cidade que abrange nove bairros: Lagoinha, Bonfim, Bom Jesus, Nova Esperança, Santo André, Pedreira Prado Lopes, São Cristóvão, Aparecida, Aparecida Sétima Seção e Ermelinda (PBH/FMC, 2008)

Belo Horizonte, a capital mineira planejada, nasce a partir da sobreposição de um arraial muito pequeno, um entreposto chamado de Arraial do Curral Del Rey (Figura 1). Sua população era diversa, mas com um número expressivo, de pretos e pardos, dentre seus moradores (MARA, 2018). Dessa população herdamos costumes, ritos e saberes como veremos a seguir.

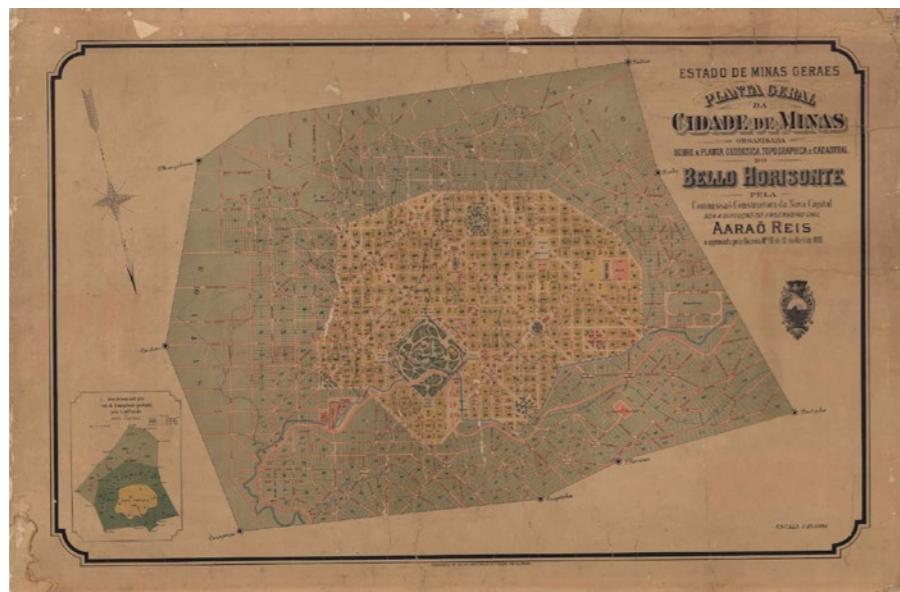


Figura 1: Planta cadastral da Nova Capital (Arquivo Público Mineiro, 1895)

Nessa proposição, trataremos as possibilidades de junção e partilha de conhecimento do patrimônio imaterial de uma região rica em tradições afrodiáspóricas, a importância da valorização de tais recursos para a sustentabilidade. A metodologia do Design Sistemico será utilizada como base dessa construção quando nos diz que a valorização dos recursos locais, com a identificação das características que permitem a identificação única de cada território, é um dos elementos para o alcance da sustentabilidade integral (BISTAGNINO, 2011; MENDONÇA R. M., 2017). Davidova (2020) e Mendonça (2014) afirmam que a associação de reflexões históricas sobre as características atuais, fomenta a conscientização de valores próprios, imprescindíveis para a autoestima, basilares para a prosperidade contínua.

Quando pensamos na cadeia produtiva e as etapas do processo de produção e uso chegando até o descarte do bem produzido, encontramos os princípios do Design Sistemico (BISTAGNINO, 2011), balizando a promoção e manutenção da arte sustentável dentro de cinco princípios:

- 1) Output/ input: O que é saída de um sistema (output) é entrada de outro sistema (input). Esse ciclo significa otimização de uso dos recursos, criando um fluxo contínuo de matéria e energia, tendendo ao “descarte zero”;
- 2) [Relacionamentos]: A valorização dos relacionamentos, internos e externos, que geram o sistema, é muito importante, uma vez que cada elemento não pode ser considerado isoladamente. Todos, pessoas e recursos materiais, contribuem para o sistema e são interdependentes;
- 3) [Agir localmente]: No contexto em que as operações acontecem, recursos (humanos e materiais) e a cultura locais são prioridade, resolvendo questões locais e criando novas oportunidades. A globalização e monoculturas, em que produtos e atividades são desconectados do território, devem ser evitadas;
- 4) [Auto-geração]: As interrelações dos sistemas vivos e seu ambiente desencadeiam mudanças estruturais no sistema. Essas mudanças alteram as interrelações, que geram mudanças estruturais contínuas (*autopoiesis*). Coisas vivas se adaptam, aprendem e desenvolvem continuamente (CAPRA, 2008). É, então, um ciclo contínuo: coisas vivas mudam o sistema e são mudadas por ele; a evolução de um elemento do sistema provoca a evolução dos outros elementos;

- 5) [A vida no centro do projeto]: as pessoas [e a vida em geral] são uma prioridade. Isso significa dizer que, compreender o usuário e sua cultura precisa ser o ponto de partida da definição de atividades e produtos. O usuário não é considerado um alvo para ações do mercado, mas um membro ativo e consciente da sociedade, para quem se deve dar informação e escolha (MENDONÇA R. M., 2017).

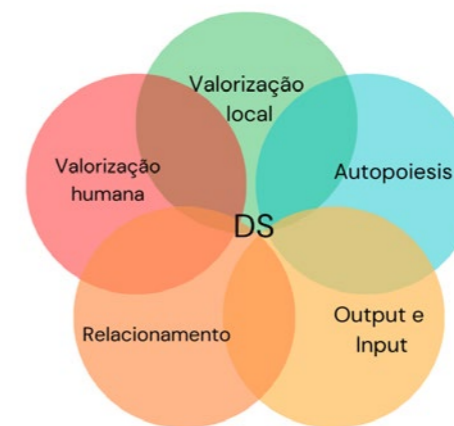


Figura 2: Os princípios do Design Sistemico (DS). (Elaborado pelo próprio autor, baseado em (BISTAGNINO, 2011).

Utilizamos assim, o Design Sistemico (Figura 2) como um dos fios condutores que podem ligar a arte, o território, a valorização do patrimônio imaterial (memória) e a sustentabilidade.

2. Procedimentos Metodológicos

Este trabalho se baseia na pesquisa bibliográfica em geral, sobre patrimônio, território (seus recursos e sua história) e sustentabilidade. Ele utiliza também aspectos de pesquisa antropológica/ etnografia, lidando com elementos qualitativos relacionados à criação e transmissão de significados sobre comportamentos e tradições, pela análise dos hábitos e práticas ao longo do tempo, por meio da vivência com comunidade da região da Lagoinha em Belo Horizonte, Minas Gerais. Essa vivência foi fundamentada por pesquisas histórico-arquivísticas e direcionada pela metodologia do Design Sistemico, especialmente em relação à identificação de atores, recursos e análise de fluxos e desdobramentos para identificar, entender, elucidar e valorizar o patrimônio imaterial local como meio para direcionamento para a sustentabilidade.

3. Aguçando o olhar crítico

O local de origem é a nossa fonte primária para desenvolvermos um olhar crítico de como os objetos podem nos afetar de maneira positiva ou negativa. Sua beleza, utilidade, memória ou esvaziamento de qualidades pode sim ter um fator histórico implícito. É nesse momento que se faz importante conhecer nossas origens, para identificarmos o que é patrimônio imaterial, material e alinharmos o pertencimento ancestral.

A Lagoinha, como uma importante e profícua região de Belo Horizonte, é berço de artistas e de conteúdo artístico significativo onde, por isso, podemos identificar formas culturais e sustentáveis de arte. Para isso é preciso ter um olhar alinhado aos valores do nosso tempo, que reconhecem as qualidades e a importância da arte dos povos de outros continentes (e não apenas o Europeu, com seus cânones clássicos) como o africano, por exemplo, vislumbrando

como atributos positivos o selvagem, folclórico, infantil (*naif*), ancestral, étnico, atribuindo a eles beleza e riqueza de sentidos.

É nesse aspecto que a decolonialidade do olhar pode nos auxiliar a vislumbrar a arte em locais e materiais alternativos. Alguns artistas de renome como Vik Muniz, Rodrigo Gallo e seu Toninho Passarinho, que utilizam resíduos como materiais e temas locais para as suas obras, nos mostram ser possível tal proposta (Figura 3). A criatividade, o recorte étnico e geográfico, traz relevância cultural para as suas obras de arte e objetos criados para diversos usos.



Figura 3: a) Vik Muniz: “The Bearer Irma” – uma das suas obras, feitas de rejeitos, que retratam e problematizam a relação dos catadores de material do Jardim Gramacho (Duque de Caxias, RJ) e compuseram o filme “Lixo Extraordinário” (Vik Muniz, 2017); b) Rodrigo Gallo: Guitarra de sucata em Belo Horizonte – a partir de peças de motocicletas sem utilidade para as oficinas que as descartam, suas obras são carregadas de memória (Rodrigo Gallo, 2019); c) Seu Antônio Passarinho: “Pássaros de madeira” – suas obras nascem a partir de toquinhos de madeira encontrados na natureza que, coletados, se transformam em espécimes coloridos (REDE ARTISOL, 1998).

Os cinco princípios do Design Sistêmico não caminham em separado (Figura 2); sua fusão e complemento podem ser implementadas em diversas áreas. Quando contemplamos saberes, costumes e ritos de um grupo social e sua relação com a identidade cultural de um território, a identificação de características, qualidades e o reconhecimento de seu valor incentivam as atividades de um grupo que, por sua vez, compõe um território e confere a ele atributos para a qualidade de vida, em uma retroalimentação constante. Quando temos o afeto como premissa para todas as relações de convívio humano, promovemos a *autopoiesis*, enaltecendo o coletivo. A *autopoiesis*, ou autogeração, em que “o próprio sistema gera o sistema” pode ser entendida no sentido de retroalimentação. Ainda envolve o poder do exemplo positivo, onde a evolução de um grupo estimula o desenvolvimento de outros; onde as lições aprendidas são utilizadas para se fazer melhor em outras oportunidades semelhantes. Podemos associar aqui

às relações intergeracionais, onde uma geração aprende com a outra, todas abertas a trocas, se apoiando e desenvolvendo juntas. Essa questão do legado geracional remete ao patrimônio, não só material quanto imaterial. E ainda, *autopoiesis* pode também ser interpretada como autonomia e independência que permitem que uma atividade seja desenvolvida sem ameaça à sua manutenção.

Ao pensarmos tais princípios de forma prática, entendemos a lógica da produção, o consumo e possibilidade de inserção de tais insumos na produção artística e valorização do patrimônio material e imaterial. Quando algo é produzido e seu descarte incorreto é evitado, criamos um sistema que pensa a cadeia produtiva de maneira global, o que se produz e seus destinos possíveis, praticando o princípio do *output/ input*. A partir desse conceito podemos fortalecer os **relacionamentos** e pensar propostas que afetem o coletivo positivamente, gerando renda, aumentando a autoestima e o fortalecimento da matrigestão, uma rede de apoio importante para a manutenção do legado ancestral. As pessoas são a peça chave, devem estar no centro de qualquer projeto, pois através da troca de saberes, modos de ser e fazer, uma rede protetora é ativada e ampliada. Para além do ser humano, relações com outros seres vivos são fortalecidas e a cadeia produtiva se torna mais respeitosa, **valorizando a vida** e fomentando o bem viver de forma inclusiva. A arte é elemento estratégico nesse contexto, uma vez que ela fixa a cultura de um povo. Frentes que ampliam a vida útil dos materiais, utilizando-os como base para criações artísticas são importantes para a conscientização da sociedade tanto do ponto de vista dos recursos utilizados para a produção da obra quanto da mensagem ali contida, que pode estar relacionada, por exemplo, à **valorização do território**. Esta, por sua vez, se constitui em oportunidades de trabalho, com a consciência do próprio valor, constituindo-se em valor agregado nesta cadeia produtiva.

4. O legado da Lagoinha

Ao citarmos a Lagoinha e seus atributos importantes para a manutenção do patrimônio material e imaterial, se faz necessário o conhecimento de ações que aguçam e proporcionam o conhecimento do público. Em algumas dessas ações, passeios culturais são realizados pela ótica do morador, que detém com propriedade, informações relevantes para a descoberta de um dos locais importantes para a cidade desde sempre. Lugar inquieto, desde a fundação da Cidade de Minas (Figura 1), teve sua decadência declarada com a construção do complexo viário que dividiu a região expondo mazelas já conhecidas dos moradores locais ao público geral, como o tráfico de drogas, trazendo à luz a alcunha de “Cracolândia de Belo Horizonte”. Os problemas sociais muito graves não abalam a região que luta e se mantém firme ainda que tenha percalços. Importante salientarmos que a região é potente fonte de saberes através dos terreiros de candomblé, do samba como o Bloco Leão da Lagoinha (mais antigo da cidade), bem como a cena boêmia desde então. É essa consciência e o conhecimento do valor do território, com seus recursos e cultura peculiares, que são a energia autopoietica para a resiliência da região, que insiste em buscar a qualidade de vida de seus moradores.

Alguns marcos temporais podem nos ajudar a reconhecer a importância da região. Lançado pela empresa Nadir Figueiredo em 1947, o copo americano era comercializado em um local específico, a Mercearia do Seu Quim Quim, localizada na Praça Vaz de Melo centro nervoso da boemia local. O copo foi consagrado com o nome de “Copo Lagoinha” e reconhecido pela empresa responsável por sua fabricação em 2019, após petição popular do movimento “Viva Lagoinha” (MG, 2022).

Projetos culturais trazem artistas locais à cena como o festival CURA (Figura 4) na edição de 2019, enaltecendo a região transformando-a em uma explosão de cores através do grafite (CURA, 2019). O projeto Lagoinha Educadora se uniu a este projeto proporcionando a participação de estudantes do 1º ano do ensino médio da escola do bairro, a Escola Estadual Silviano Brandão (PICO, 2019).



Figura 4: CURA Lagoinha – Brinde a Lagoinha (Circuito Urbano de Arte, 2019)

Outras propostas acontecem na região. Em 2021 a ação conjunta com a Fundação Municipal da Cultura (FMC), o Centro Integrado da Mulher (CIAM) e a população local, ações inclusivas como “Elas cultivam a Lagoinha”, tem como objetivo resgatar a autoestima de mulheres da região em situação de vulnerabilidade social. As beneficiadas geram produtos naturais a partir do que plantam e colhem como paçoca, sucos e refrigerantes naturais que ainda não são comercializados, mas promovem a inclusão, ressocialização e ajuda mútua a todas as envolvidas. As mulheres fortalecem os laços e tornam-se mais unidas, princípio fundamental da matrigestão. O cuidado do outro se estende como uma rede protetora (PBH, 2022). Ainda na região, projetos fomentados por coletivos agroecológicos urbanos e de fomento cultural como o “Hortelões da Lagoinha”, priorizam desde 2017 a manutenção, o cuidado da vegetação com a participação da população local. O objetivo é transformar vazios urbanos em quintais comunitários como o “Quintal do Sô Antônio” localizado na Lagoinha. Com essa ação, locais abandonados são revitalizados, produzem alimentos saudáveis, reverberam o cuidado com o outro e aguçam a conexão com a ancestralidade e a natureza (LAGOINHA H. D., 2017).

Assim, a Lagoinha é rica de tradições e saberes ancestrais, incluindo também o uso das ervas nos ritos religiosos, no conhecimento de suas propriedades medicinais, no seu valor para a alimentação. O respeito, o reconhecimento e manutenção das memórias como patrimônio imaterial e seus desdobramentos na sociedade são os motores de sua sustentabilidade.

A escola tem papel fundamental para despertar a criatividade enaltecendo inúmeras referências ancestrais, com mensagens implícitas como a do ideograma *Adinkra*, *Sankofa*, que de maneira simplificada nos diz que “Tudo que é meu volto para buscar” (Figura 5). Ao aguçar no estudante a importância de signos comuns em suas casas, bairros e na própria escola, desconhecidos até então, semear o conhecimento e conectá-los à ancestralidade se torna parte importante do processo.

Vimos que, com insumos de descarte é possível fazer arte. Podemos desdobrar o sentido do material lixo, sua criação, a lógica no capital de consumo, seu descarte consciente, bem como sua sobrevida, transformando-o em objeto artístico ou de uso doméstico carregado de afeto,

memória e significado. E isso pode e deve ser praticado também nas escolas, desde os anos iniciais, em diversas oportunidades e, em especial, nas aulas de arte.

Não existe “fora”; estamos todos em um mesmo contexto, interligados por fios invisíveis e muito sensíveis. Toda a ação humana reflete na natureza de maneira global; daí é imprescindível ensinar a entender o material de descarte para além de algo que não é mais útil, mas sim uma alternativa para a arte, a sustentabilidade e a manutenção da memória. É um modo de demonstrar a importância de cada indivíduo e de sua ação como agente consciente para a construção de territórios sustentáveis.



Figura 5: O Sankofa e sua aplicação no território da Lagoinha – Cemitério do Bonfim (Próprio Autor, 2023).

5. Aplicações e/ou Resultados

Utilizar a metodologia do Design Sistêmico como uma mentalidade, que permeia as nossas escolhas e decisões é um recurso potente para encaminhamentos para alcançarmos a sustentabilidade. Neste artigo, demonstramos, com o exemplo da Lagoinha, as relações construídas entre arte, patrimônio, território e sustentabilidade.

6. Análises dos Resultados ou Discussões

Em todas as atividades humanas é possível (e desejável) aplicar os princípios do Design Sistêmico, pois elas ajudam a estruturar características para a sustentabilidade integral. Aqui, partimos da valorização do território e mostramos, enfatizando o patrimônio imaterial, que pensar na aplicação dos princípios permite a criação de iniciativas robustas e potentes em transformação das quais todos somos responsáveis.

7. Considerações Finais

Espera-se com este trabalho contribuir para a mudança de paradigmas e desenvolvimento do pensamento crítico e estímulo às ações acerca de temas como consumo, produção, descarte, patrimônio, relacionamentos, inclusão. A conscientização começa nas relações domésticas, na observação aos costumes dos mais velhos, nossas bibliotecas ancestrais



(ditado comum em África). Com os anciãos, aprendemos através do afeto, ele é premissa para o aprendizado. Nas escolas, em todos os níveis, temos a oportunidade do reforço e ampliação desses valores. De forma global estamos conectados à natureza, uns aos outros e, portanto, o que fazemos afeta a todos e nos afeta. O fazer artístico, praticando os princípios do Design Sistêmico, pode nos guiar para novas possibilidades de trabalho e manutenção de memória. Movimentos individuais, e nossas ações conscientes para o desenvolvimento de um melhor contexto de vida para nós mesmos e toda vida que nos cerca, humana ou não, é tão importante quanto os movimentos coletivos.

Existem transformações necessárias para a sustentação e melhoria da qualidade de vida em geral que são complexas e, portanto, precisam de abordagens de longo prazo. Existem outras que são mais simples e podem ser implementadas em curto ou médio prazo. Mas reconhecer, manter e divulgar o patrimônio cultural de um povo, não só o material, mas especialmente o imaterial, é um recurso transformador.

Todas as atuações profissionais são importantes nesse sentido. Aqueles que criam, como arquitetos, designers e artistas com todas as suas formas de arte, têm papel importante na medida em que suas criações poderão ser recursos de construção de um contexto de vida para as mudanças econômicas, sociais e ambientais que precisam ser implementadas para a nossa sustentabilidade.

Referências

- ALTEROSA, Jornal da. **Educação, dedicação e solda: uma mistura que vira arte nas mãos de Rodrigo Gallo**. Youtube, 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UISwIWQvG9g>. Acesso em 23 de abr. de 2023.
- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Planta Cadastral da Cidade de Minas**. Belo Horizonte, 1895. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/photo.php?lid=92. Acesso em: 23 abr. 2023.
- ARREGUY, Cíntia Aparecida Chagas; RAJÃO, Raphael. **Histórias de bairros de Belo Horizonte**: Regional Centro-Sul. Belo Horizonte: APCBH; ACAP-BH, 2008. 62 p.
- BISTAGNINO, L. **Systemic Design**. 2ª ed. Ed: Slow Food Editore srl, 2011.
- CARVALHO, Janaína; LIMA, Marcos Serra; G1. **‘Década jogada no lixo’: dez anos após aterro fechar, ex-catadores de Jardim Gramacho vivem na miséria e em condições insalubres**. G1. 30 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/30/decada-jogada-no-lixo-dez-anos-apos-aterro-fechar-ex-catadores-de-jardim-gramacho-vivem-na-miseria-e-em-condicoes-insalubres.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- CURA, Circuito Urbano de Arte. Cura Lagoinha: 05 a 15 de setembro de 2019. In: **CURA**, 2019. Disponível em: <https://cura.art/index.php/cura-lagoinha/>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- DAVIDOVA, Marie. Cocreative roles, agencies and relations in post-anthropocene: Thereal life gigamaps and full-scale prototypes of SAAP. **Strategic Design Research Journal**, v. 13, ed. 2, p. 185-212, 2020.

FUKS, Rebeca. **As 10 criações mais impressionantes de Vik Muniz**: Cultura genial. 2017. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/vik-muniz-obras/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

GRAFITTI. **Inspire-se no trabalho de Vik Muniz**. 4 set. 2019. Disponível em: <https://blog.grafittiartes.com.br/inspire-se-no-trabalho-de-vik-muniz/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

IPHAN. Iphan. **Patrimônio Imaterial**. 2023. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 23 abr. 2023.

MENDONÇA, Rosângela Míriam Lemos Oliveira. Transformando Ideias em Recursos de Desenvolvimento. In: **Economia Criativa: Inovação e Desenvolvimento**. Editora UEMG, 2017. Disponível em: https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2017/2017_ECONOMIA_CRIATIVA.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

MENDONÇA, Rosângela Míriam Lemos Oliveira. **Systemic Network Innovation and Its Application in the Brazilian Context of the "Estrada Real"**. 2014. Tese de Doutorado (Doutora em Design, Arquitetura e Urbanismo) - Politecnico di Torino, Torino, Itália, 2014. DOI 10.6092/polito/porto/2534088. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306105392_Systemic_Network_Innovation_and_Its_Application_in_the_Brazilian_Context_of_the_Estrada_Real. Acesso em: 23 abr. 2023.

PICO, Saulo. **Brinde a Lagoinha**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.saulopico.com/brinde-a-lagoinha>. Acesso em: 23 abr. 2023.

REDE ARTESOL. Toninho Passarinhos – Antônio Sebastião Ferreira. In: **Rede Artesol**: Artesanato Solidário. 1998. Disponível em: https://www.artesol.org.br/toninho_passarinhos. Acesso em: 23 abr. 2023.

SILVA, Lisandra Mara. **Propriedade, negritude e moradia**. 2018. 260 p. Tese de Doutorado (Doutora em Arquitetura e Urbanismo) - UFMG, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MMMD-B7CGVF/1/disseta_lisandra_comerrata.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.